

**ÁFRICA, ESCRITAS LITERÁRIAS:
ANGOLA, CABO VERDE, GUINÉ-BISSAU,
MOÇAMBIQUE E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**
Carmen Tindó Secco, Maria Teresa Salgado e Sílvio Renato José (orgs.)
Rio de Janeiro/Luanda, UFJR, 2011
296 páginas, ISBN: 8571083460

Nesta obra reúnem-se vários textos de *África, Escritas Literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe*, os pesquisadores das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Carmen Tindó Secco, Maria Teresa Salgado e Sílvio Renato José, apresentados no III Encontro de Professores de Literaturas Africanas, realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, enriquecendo com essa iniciativa o rol dos estudos críticos desenvolvidos em torno dessas literaturas.

Para abarcar esse rico painel crítico, composto de vinte e três ensaios, decidiram os organizadores, metodologicamente, dividir a obra em quatro partes, assim distribuídas: 1. Literatura, Mito, História e Poder; 2. Tradição, Memória e Modernidade; 3. Literatura Africana de Autoria Feminina; 4. Comparativismo Literário e Ensino de Literatura.

Por uma questão também de ordem metodológica, optamos por tecer nossos comentários não sobre cada texto em particular, mas sobre o conjunto que compõe cada parte, procurando destacar os pontos mais relevantes trazidos pelos seus autores, referentes a cada uma delas, ciente, porém dos

tênuos limites que as separam e dos entrelaçamentos que as unem.

A Parte 1 é composta de seis textos, assim intitulados: “A propósito da narrativa contemporânea em Angola: notas sobre a noção de espaço em Luandino Vieira e Ruy Duarte de Carvalho”, de Rita Chaves; “Ética e poética em João de Melo”, de Mário César Lugarinho; “*Predadores ou a utopia depois da utopia*”, de Vilma Lia Martin; “A função simbólica e social da língua guineense na prosa e na poesia”, de Moema Parente Augel; “Situação diglósica e narrativa moderna em Angola”, de Marin Lienhard e “Mito e tradição oral lunda-cokwe na ficção narrativa angolana: uma releitura do romance Lueji, de Pepetela”, de Manuel Muanza.

Com exceção do texto de Moema Parente Augel, todos os demais se encontram voltados para a produção literária angolana, o que se justifica pelo caráter consolidado dessa literatura no cenário das literaturas africanas de língua portuguesa, devido, sobretudo, a fatores extraliterários, relacionados com a conjuntura socioeconômica e política desse novo país.

Embora, boa parte dos autores das obras selecionadas advenha de um período anterior à independência, os textos trabalhados pertencem todos a um período já bem distanciado dos primeiros anos da independência. No entanto, nem por isso se apresentam menos fixados às raízes socioculturais que nutrem a sua criação, o seu desenvolvimento, preservando desse modo

uma das características que marcaram e marcam fortemente as literaturas africanas de língua portuguesa, conforme podemos depreender das diversas leituras críticas realizadas.

Como exemplos, podemos citar as observações feitas por Rita Chaves ao estudar a questão do tempo e do espaço nas obras *O livro dos rios*, de Luandino Vieira e *Desmedida – Luanda-São Paulo- São Francisco e volta. Crônicas do Brasil*, de Ruy Duarte de Carvalho, ambas de 2006, através das quais afirma: “Tanto em Vieira quanto em Carvalho, guardadas as diferenças, o objetivo é melhor ver o país, enxergando Angola não só para além de Luanda, mas também para além das fronteiras físicas que a história conturbada do continente demarcou”. (Chaves, 16) E finaliza as observações, concluindo que:

... ao investirem noutras noções de espaço, eles mobilizam a potencialidade da escrita como uma atividade apta a representar e a fundar mundos com que se pode repensar a vida em contextos tão conturbados. Na busca de novas geografias – perseguindo o movimento sinuoso dos rios em direção ao interior do território ou atravessando os mares na procura de outros interiores – José Luandino Vieira e Ruy Duarte de Carvalho, cultivando a força da linguagem que distingue suas obras, recolocam-nos diante do itinerário da literatura angolana e do processo de constituição da identidade angolana, que não deixa de ser uma de suas angústias, alertando-nos para o fato

de que esse fenômeno, como objeto constante de nossa preocupação enquanto críticos literários, não pode deixar de ser visto sob ângulos que nos são abertos pela nossa contemporaneidade. (Chaves, 20)

Mutatis mutandis, várias outras notas similares permeiam os demais trabalhos apresentados nessa parte, sobre diferentes autores e obras, não deixando, portanto, dúvida sobre esse liame peregrino da literatura com a história.

Nesse olhar atento dos escritores sobre a realidade circundante, chamou-nos a atenção a questão de gênero, introduzida por Mário César Lugarinho ao falar sobre *Ética e Poética em João de Melo*, quando percorrendo de modo transversal a obra desse poeta/escritor mostra como ele soube captar através de sua sensibilidade poética as mudanças ocorridas nas relações do masculino com o feminino por conta dos abalos feitos na tradição. Segundo o referido crítico

... a crise do masculino expressa por Melo nasceu diante do comportamento feminino que não mais se assentava sobre a tradição. Dessa maneira, é preciso verificar que estamos diante de uma crise de subjetividade profunda – por um lado, na relação com o Estado; por outro, naquilo que “naturalmente” era dado pela cultura: o lugar do homem, ou melhor, o lugar do masculino. (Lugarinho, 27)

Outro ponto que destacamos, na leitura dos textos reunidos nessa parte, diz

respeito ao constante entrelaçamento existente entre os escritores e obras literárias africanas com o Brasil, iniciado há longo tempo atrás, mas que continua sendo fértilmente retomado, como uma prova incontestada de supranacionalidade, o que, segundo Claudio Guillén, leva “*não só à possibilidade da diferença, mas também à confirmação de valores e perguntas comuns.*” (Guillén, 63)

Traço confirmado por vários dos ensaios presentes no livro, conforme se pode ver em Rita Chaves, quando ao destacar as leituras de obras significativas que se entremeiam na narrativa de Ruy Duarte Carvalho, faz referência entre outras às de Guimarães Rosa, Teodoro Sampaio, Euclides da Cunha, Paulo Prado, Glauber Rocha e Antonio Candido; ou na leitura crítica da obra *Predadores*, de Pepetela, em que centrada, sobretudo, na consciência histórica que a permeia, Vima Lia Martin traz uma passagem da citada obra, referente ao nome do personagem Nacib que evidencia a interferência da cultura brasileira, através das telenovelas no espaço cultural angolano, para assinalar, o “estrito diálogo que, todos sabemos, tem marcado as relações culturais entre Brasil e Angola” (Martins, 36).

Estritamente ligado com a história de um povo, com a sua identidade, a língua se torna um dos principais sistemas a ser minado pela política colonizadora dentro do seu projeto de desestruturação cultural. Razão pela qual se torna também um dos elementos sobre os quais se alicerça todo o projeto de criação de

uma identidade cultural. Assim foi entre os modernistas brasileiros, quando entre suas propostas reivindicavam o modo de falar brasileiro, por compreenderem a relação ontológica que liga o modo de falar ao modo de ser. Assim se deu também entre os escritores e poetas africanos de língua portuguesa ao se apropriarem calibanescamente da língua do colonizador, “opondo-se, pelo exercício da fala, a seu opressor” (Augel, 50) ou mesmo inserindo em suas obras sua língua, antes negada, promovendo assim a negação da negação, ou seja, a sua afirmação, como bem o demonstram Moema Parente Augel em seu ensaio, intitulado, *A função simbólica e social da língua guineense na prosa e na poesia* e Martin Lienhard, no seu trabalho sobre *Situação diglósica e narrativa moderna em Angola*.

À negação da língua por parte do colonizador como estratégia desestruturante da cultura de um povo se soma também o apagamento das matrizes míticas que fazem parte do imaginário coletivo. Resgatar essas matrizes, como não poderia deixar de ser, faz parte também não só do projeto ideo-estético que norteia o fazer dos escritores africanos de língua portuguesa, mas do olhar crítico que sobre suas obras se debruça. E o que faz Manuel Muanza, ao querer “compreender os laços que se tramam entre as manifestações culturais e os fenômenos sociais sujeitos à figuração romanesca.” (Muanza, 65) através das leituras críticas que procede não apenas sobre a obra *Lueji*, de Pepe-

tela, objeto central do seu texto, mas ainda sobre *Muana Puó* e outras narrativas do mesmo autor. Daí a necessidade por ele sentida de conhecer mais de perto a importância das máscaras, como elemento sagrado mediador, segundo Lévi-Strauss, entre a sociedade humana e a natureza, e entre essa mesma sociedade e o sobrenatural, aproximando desse modo o presente do passado e do futuro; de mergulhar não denotativamente, mas de modo conotativo, nas águas que transbordam do texto, que vinculadas à cultura lunda-cokwe, são tidas como fonte de vida; de apreender o sentido alegórico dos elementos textuais, por trás do qual emerge uma série de transformações.

Composta também de seis ensaios, a segunda parte abrange os seguintes textos: *Literatura e “arquivos da memória”*: negociação e dispersão de sentidos, de Maria Nazareth Soares Fonseca; *Germano Almeida: uma identidade de outras faces (Eva, a relativização da verdade)*, de Jane Tutikian; *O papel da carta na obra de Mia Couto*, de Phillip Rotwell; *O último voo do flamingo, de Mia Couto – um romance e sua (des)montagem*, de Iza Quelhas; *O romance guineense e a redenção do presente*, de Robson Dutras; *Mornas e música: ressonâncias culturais cabo-verdianas na escrita ficcional de Manuel Ferreira*, de Jorge Valentim.

Na sequência da leitura das obras do angolano Pepetela, com seus mitos, suas alegorias, que nos ajudam a desvendar a história de um povo, tem-se agora, abrindo a segunda parte, o texto

de Nazareth Fonseca, centrado na relação literatura/memória, comprovando, assim, quanto os temas abordados fluem, refluem e confluem dentro de uma mesma sintonia teórica de viés sócio-crítico.

Com base nas concepções teóricas de Milan Kundera, para quem o romance protege a vida do homem contra o “esquecimento do ser” e de Jacques Rancière, que define o romance como uma “dramática escrita”, “movido por estratégias singulares que perscrutam a vida concreta do homem” (Cf. Fonseca, 77), Nazareth enfoca com muita precisão os “trânsitos entre realidade e ficção, presentes na escrita de *O outro pé da sereia*, de Mia Couto e de *Milandos de um sonho* de Bahassan Adamodjy, chamando, inclusive, a atenção para o papel histórico que esses textos, enquanto “arquivos de lembranças” desempenham no processo de formação de mentalidade e compreensão da realidade.

O texto de Jane Tutikian sobre a produção do cabo-verdiano Germano Almeida, por ela considerado como “o grande nome do pós-colonialismo”, em Cabo Verde, insere-se também na linha desse diálogo da ficção com a realidade, da necessidade de preservação da memória e da tradição como elementos fundantes e estabilizadores do “nacionalismo” e da “identidade”, questões ainda presentes nos textos literários africanos de língua portuguesa, em decorrência das ameaças da política pós-colonialista. Outro aspecto ressaltado por Jane Tutikian sobre a

obra do referido escritor diz respeito à recorrência nela presente do humor, da sátira, como recursos estéticos de grande poder desestabilizador, largamente empregado na modernidade.

Aliás, humor, sátira, paródia, riso carnavalizador, ironia, dessacralização marcam conforme vimos, nos ensaios constantes dessa segunda parte, a produção literária de vários escritores africanos de língua portuguesa, em especial Mia Couto, confirmando o espírito de ruptura, de subversão que norteiam suas obras.

“A inter-relação entre fala e escrita do romance” ressaltada por Iza Quelhas no seu ensaio sobre a obra *O último voo do flamingo*, de Mia Couto, tem por base a valorização da oralidade, da língua falada pelo povo, bem como o plurilinguismo, a inserção do léxico local, as modificações na sintaxe, recursos estilísticos de viés ideológico a que recorre o autor moçambicano, bem como outros escritores africanos de língua portuguesa, entre eles o guineense Abdulai Sila, conforme o registra Robson Dutra ao proceder à análise da obra *A última tragédia*, do referido autor. Recursos, portanto, que só reiteram o espírito de ruptura, de subversão e de modernidade que norteia essas produções literárias.

Ainda nessa linha de modernidade, podemos ressaltar o caráter metaficcional da narrativa de Mia Couto destacado também por Iza Quelhas, e o traço carnavalizador de sua obra, advindo da mistura de gêneros, a exemplo da

recorrência às cartas, tão usada por esse autor, traço, conforme o observa Phillip Rothwell, em seu ensaio sobre *O papel da carta na obra de Mia Couto*, que evidencia ainda mais a oralidade que marca os textos do moçambicano.

Se na primeira parte, a intertextualidade é ressaltada principalmente no que concerne ao diálogo das literaturas africanas de língua portuguesa, nessa segunda parte, temos a questão do entrelaçamento cultural interno, advindo da relação da literatura/música de Cabo Verde, mais precisamente da literatura com a morna, “forma musical típica das ilhas”, muito bem trabalhada por Jorge Valentim ao mostrar a sua presença na literatura cabo verdiana, mais especificamente na produção literária do crítico, poeta e escritor Manuel Ferreira, no ensaio intitulado *Mornas e música: ressonâncias culturais cabo-verdianas na escrita ficcional e ensaística de Manuel Ferreira*. Segundo Valentim, por considerar essa expressão musical como “a mais generosa e inquietante manifestação do homem de Cabo Verde” (Cf. Valentim, 127) Manuel Ferreira nela se baseia para escrever os contos reunidos na coletânea intitulada *Morna*, para melhor falar da *saudade* e da *morabeza*, sentimentos que tomam conta do povo cabo-verdiano, da qual a morna é a expressão primeira.

Pelo fato de as mulheres participarem como escritoras do quadro das literaturas africanas de língua portuguesa, desde os seus primórdios até hoje, a terceira parte do livro é dedicada à leitura da

crítica dos textos de autoria feminina. Dela constam cinco ensaios. São eles: *Poder e conhecimento na poesia de Ana Paula Tavares*, de Margarida Calafate Ribeiro; *O cântico dos cânticos de Ana Paulo Tavares*, de Cinda Gonda; *O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde*, de Simone Caputo Gomes; *As perspectivas da história na obra de Noêmia de Sousa*, de Rejane Vecchia da Rocha e Silva; *Exílio e experiência feminina*, de Simone Pereira Schmidt.

As análises contidas nesses ensaios e até mesmo os títulos que lhes são atribuídos evidenciam, a nosso ver, o quanto esses textos de autoria feminina se encontram também imbricados na realidade, mantendo, desse modo, como diz Rejane Vecchia da Rocha e Silva, uma “interlocução permanente entre o campo da história de seus países e sua produção no campo artístico” (Cf. ROCHA E SILVA, 192); o quanto continuam, através de suas páginas, a contribuir de forma vigorosa para a preservação da memória cultural; para a valorização da tradição; para o resgate dos “sujeitos etno-culturais não valorizados pelo regime colonial – as mulheres e os homens dos bois do planalto da Huíla”, como o faz Ana Paula Tavares (Cf. RIBEIRO, 142); para o desmascaramento dos desmandos do sistema patriarcal e o desrecalcamento das vozes antes oprimidas, tudo isso tendo em vista, a transformação do que antes era tido como valor negativo em valor favorável.

Outro aspeto ressaltado nesses ensaios diz respeito à sutileza, à delicadeza das imagens a que recorrem essas autoras para falarem do cotidiano, marcados muitas vezes por dores, perdas, provocadas pelas mais variadas formas de violência, advindas do processo de coisificação a que são reduzidas, dos diversos tipos de exílio por que passam, principalmente, o exílio interior, causado, sobretudo, pelo esvaziamento de si mesma, de sua própria identidade.

Não passa também despercebida, nesses ensaios, a maneira como poeticamente os textos de autoria feminina dialogam com as mais diversas vozes, sejam elas “da tradição da narrativa oral africana”, de “poetas de sua geração”, ou de outros tempos, numa prova incontestada do caráter dialógico do homem, uma vez que, Bakhtin, “somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o “o homem no homem” para outros ou para si mesmo”. (BAKHTIN, 1981, 222)

A quarta e última parte do livro reúne seis ensaios, sendo cinco relacionados com a questão do comparativismo literário e um sobre o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa. São eles: *Percurso pela documentação histórica e literária dos países africanos de língua portuguesa (séculos XV-XIX)*, de Helder Gomes; *África e Brasil: entrelaces poéticos*, de Elisalva Madruga Dantas; *Margens de literatura e cultura ibero-afro-americanas*, de Marli Fantini Scarpelli; *Dois literaturas, um só pre-conceito: “A menina Vitória!*, de Arnaldo

Santos, e A cor da ternura, de Geni Guimarães, de Sérgio Paulo Adolfo; Criatividade poética e imagem, de Francisco Soares; O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: algumas sugestões, de Tânia Macedo.

Com base em uma séria pesquisa historiográfica, o texto que abre essa secção traz ricas informações acerca da documentação existente nos arquivos portugueses relacionada com a colonização da África, tendo em vista uma maior compreensão “das manifestações literárias que ali tiveram lugar e que provavelmente encerraram em seu bojo aspetos culturais que ainda permanecem no imaginário daquelas comunidades.” (GARMES, 208-9).

Através de suas páginas, tomamos conhecimento da grande quantidade de escritos, motivados, inicialmente, por interesses diversos da parte do colonizador, que se colocava sempre como agente cristianizador e civilizador dos povos africanos e, que, com o passar do tempo, principalmente, após a independência das colônias, ainda que realizados em parceria com a antiga metrópole, são feitos tendo em vista o interesse do povo africano de elaborar a sua própria história, a exemplo da “História Geral de Cabo Verde” e de outras realizações, vinculadas ao projeto “Memória de África”, promovido pela Fundação Portugal-África.

Em seguida, o autor tece com base nessa historiografia um breve, porém, substancial comentário acerca dos primeiros textos literários produzidos em

África, acentuando a sua importância para o surgimento de uma produção literária vinculada às raízes, a qual, por sua vez muito contribuiu para a construção do processo de afirmação e consolidação das identidades nacionais, fortemente abaladas pela política colonizadora.

Na linha do comparativismo, os textos seguintes enfocam com profundidade o diálogo das literaturas africanas de língua portuguesa com outras literaturas, destacando as razões sociais, históricas, económicas, políticas e culturais responsáveis por seu surgimento, advindas, sobretudo, da angustiante situação de opressão, de apagamento de identidades, de negação, imposta não só pelo processo de colonização, como podemos ver nas relações literárias afro-brasileiras, abordadas no texto *África e Brasil: entrelaces poéticos* de nossa autoria, mas também pelo processo de globalização que assola o mundo moderno, contribuindo com igual força para a perda de valores e tradições, tão bem assinalados por Marli Fantini Scarpelli, quando, com base nos estudos de Homi Bhabha e Edward Said, analisa as aproximações existentes entre a literatura e cultura do eixo ibero-africano, a partir da leitura crítica de textos do peruano José María Arguedas, do brasileiro Guimarães Rosa e do moçambicano Mia Couto.

A relação texto/contexto ou externo/interno que marca toda e qualquer produção literária rege teoricamente o ensaio de Sérgio Paulo Adolfo sobre “A

menina Vitória”, do angolano Arnaldo Santos e “A cor da ternura”, da brasileira Geni Guimarães, por meio do qual destaca o autor de modo muito contundente a perniciosidade do preconceito racial e das cruéis formas usadas para negar o valor do negro, de sua cultura, seja através de um processo de animalização ou mesmo de distorção de sua essência, por meio do branqueamento, da assimilação de valores brancos como forma de reconhecimento.

Na linha ainda do comparativismo, porém, dentro de um viés mais neurocientífico, tem-se o texto de Francisco Soares acerca da *Criatividade poética e imagem*, através do qual, com base em estudos teóricos relacionados com o processo criativo, o autor se debruça sobre as semelhanças e diferenças geradas durante o processo de criação e verbalização das imagens. Tendo em vista o esclarecimento dos conceitos teóricos apresentados, o autor tece uma sucinta e substancial análise do poema “Na leveza do luar”, do angolano Arlindo Barbeitos, para mostrar, a partir do levantamento das metáforas nele presentes, a sua interseção com os elementos da cultura tradicional, os quais “desde logo, pela sua recontextualização e tradução numa outra língua ou linguagem, chegam-nos transformado inevitavelmente pela introdução de novas possibilidades semânticas e estética que as leituras especializadas podem pormenorizar e desenvolver.” (Soares, 271).

O livro se encerra com o texto de Tânia Macedo, voltado para o ensino

das literaturas africanas nas universidades brasileiras. Uma realidade que, apesar de toda a dificuldade inicial, vem cada dia se consolidando, graças à formação de vários mestres e doutores nessa área. No entanto, apesar dos avanços, alguns aspectos relacionados com esse ensino ainda não se encontram bem definidos, conforme a autora, com a qual concordamos. Dizem eles respeito à “formação do cânone, relação entre as literaturas africanas e a literatura afro-brasileira e aos estudos interdisciplinares.” (Macedo, 278).

Embora reconhecendo que a questão do cânone é visto hoje em dia como “um processo, aberto e inacabado, passível de numerosas e constantes revisitações”, a autora assinala que, no campo das literaturas africanas de língua portuguesa, a dificuldade para se estabelecer o cânone deve-se também ao fato dessas literaturas não só passarem a ser inseridas há relativamente pouco tempo nos currículos de Letras, como também constituírem uma produção mais ou menos recente, vinculada a jovens nações, o que faz com que a institucionalização do fenômeno literário seja, nesses países, bastante recente. Some-se a isso, a não facilidade de circulação entre nós das obras literárias africanas de língua portuguesa, por uma questão de ordem mercadológica, embora essa realidade venha se modificando, após a implantação da lei 10.639/03 com a obrigatoriedade do ensino da história, da literatura e da cultura africana e afro-brasileira em

nessas escolas. Além desses problemas é também ressaltada a dificuldade de se nomear de forma mais precisa essas literaturas, sejam elas afro-brasileiras ou africanas de língua portuguesa. Indefinição que, a nosso ver, ainda reflete as dificuldades resultantes das discriminações sofridas ao longo do tempo e da necessidade de se consolidar um processo de afirmação.

No geral, o conjunto de ensaios contidos nesse livro, dada a riqueza das análises feitas, das informações apresentadas e das referências bibliográficas, constitui sem dúvida uma contribuição de grande valor para os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa.

Elisalva Madruga Dantas

**BORDEJANDO A MARGEM: POESIA
ESCRITA POR MULHERES (uma recolha
do *Jornal de Angola* 1954-1961)
PADILHA, Laura Cavalcante (Org.)
São Paulo, Kilombelombe, 2007
152 páginas**

Bordejando a margem registra uma breve antologia de poesia escrita por mulheres, realizada a partir da recolha do *Jornal de Angola*, em circulação em Luanda, entre 1954 e 1961. Na apresentação, Laura Cavalcante Padilha (organizadora) destaca o estudo como resultado de uma primeira fase da pesquisa *O cânone e a pesquisa do silêncio*, desenvolvida no âmbito do CNPq,

com uma equipe formada por docentes da Universidade Federal Fluminense e bolsistas de iniciação científica. Com o objetivo de analisar textos literários africanos e portugueses, que representassem grupos socialmente marginalizados, a recolha recupera textos poéticos de autoria feminina.

O *Jornal de Angola*, fundado em 1954, pela Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), tinha como lema principal “Vamos descobrir Angola” ou “redescobrir”. O slogan cultural alertava ao fato de que os nascidos em Angola desconheciam seu próprio país, a sua cultura. Esses cidadãos, apesar de viverem em Angola, não possuíam o conhecimento necessário sobre o país, principalmente na sociedade colonial dos fins da década de 1940. O intuito dessa Geração formada, principalmente, pelo Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, consistia em registrar uma produção literária com objetivo de exprimir os ideais políticos, ideológicos, atente aos anseios e sentimentos do povo angolano. As ideias revolucionárias, principalmente oriundas da Europa e da América do Sul, formavam uma corrente que convocaria a sociedade angolana a despertar para uma retomada de consciência, recuperar o sentimento de nacionalidade, com metas e propostas de libertar Angola da exploração colonial.

Dessa forma, a referida revista literária trazia um conteúdo essencialmente político, pois nasceu em um período no qual o estatuto da voz concentrava-se